

DIVERSIFICANDO O USO DO LABORATÓRIO NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*Dezeli Meira Costa*

*FEI - Unicamp*

O laboratório de línguas foi muito valorizado pelos métodos audio-visuais que o consideravam um elemento importante na aprendizagem de língua estrangeira. Sua expansão ocorreu devido à expectativa que se tinha na época em relação à própria concepção de linguagem e ao ensino de línguas. Acreditava-se que o aluno deveria desenvolver as quatro habilidades na mesma ordem em que se aprende a língua materna (ouvir, falar, ler e escrever). A escrita, introduzida somente depois que já se sabia falar, não tinha "status" próprio e era entendida como uma simples representação gráfica do oral<sup>2</sup>. Dava-se, portanto, prioridade ao oral, o que contribuiu para que o laboratório chegasse a seu apogeu pois, através dele, o aluno podia ter maior contato com a língua falada.

Além disso, o trabalho realizado pelos métodos audio-visuais refletia os princípios de uma teoria psicológica da aprendizagem centrada no condicionamento - influência behaviorista - que baseava a aquisição das línguas estrangeiras no desenvolvimento de hábitos verbais adquiridos através de reiteração. Esse trabalho refletia ainda os princípios de uma teoria linguística - o estruturalismo distribucional - proveniente da escola americana de Bloomfield. No laboratório, esses princípios apareciam sob a forma de exercícios estruturais que consistiam em levar o aluno a imitar e a repetir, praticando os mecanismos de base da língua. Trabalhavam o reflexo e a memória, visando criar hábitos linguísticos que levassem à correção dos enunciados produzidos.

Contudo, tais princípios foram postos em questão com o surgimento da corrente funcionalista ou comunicativa. A prioridade começou a ser determinada não mais pelo oral mas pelos objetivos específicos do aluno. A abordagem pedagógica passou a enfatizar não mais o mecanicismo mas o cognitivismo. Conseqüentemente, as atividades desenvolvidas no laboratório foram aos poucos sendo substituídas por outras atividades em classe, o que fez com que o laboratório de línguas fosse relegado ao segundo plano ou fosse, em alguns casos, até mesmo abandonado, como no ensino instrumental.

Mediante essas duas posições, cabe perguntar qual o papel do laboratório no ensino de línguas estrangeiras atualmente. Vale a pena montar um laboratório e até mesmo mantê-lo apesar do custo econômico que representa? Há vantagens pedagógicas que justifiquem o seu funcionamento? Acredito que sim. O laboratório pode continuar

assumindo um lugar importante no ensino de línguas estrangeiras.

Contestando os princípios do estruturalismo e behaviorismo, eu diria que não se trata mais de se considerar a linguagem como um comportamento adquirido composto de uma série de hábitos (comportamento este semelhante ao de muitos animais) Não se trata mais de se submeter os alunos a uma série de exercícios estruturais visando-se à automatização. Nem de se seguir os mecanismos propostos por Skinner: estímulo, resposta, correção, repetição. Tais exercícios podem até mesmo existir para atenderem a certos momentos do curso, ou para suprirem certas deficiências de determinado aluno, mas não devem monopolizar o trabalho no laboratório. Isto porque a experiência tem demonstrado que tal automatização não garante a compreensão em situação real de comunicação e nem mesmo a produção oral espontânea.

Uma alternativa para o problema seria a de se repensar a imagem do laboratório. Talvez o laboratório deva ser reestruturado, mas não extinto. Não deve ser visto como um lugar onde são feitos exercícios orais mecanicistas, mas como um lugar onde, através do contato com documentos orais autênticos, se realizam atividades dinâmicas e diversificadas. Se adotamos em nosso curso uma abordagem que valorize a enunciação, que considere como unidade de aprendizagem não a frase (como no audiovisual) mas o DISCURSO, tal visão deve vir refletida nas atividades propostas no laboratório. São atividades dinâmicas, uma vez que o aluno participa da escolha do trabalho que vai desenvolver. Por outro lado, baseando-se na pedagogia da descoberta, no cognitivismo, essas atividades levam o aluno a utilizar sua competência discursiva (conhecimento que possui dos discursos orais, de maneira geral) e seu conhecimento de referências extra-lingüísticas (experiência vivida, bagagem sócio-cultural e percepção do mundo). São ainda atividades diversificadas, na medida em que o aluno pode trabalhar com documentos orais autênticos de toda natureza (entrevistas, programas de rádio, comunicações científicas, propagandas, músicas, poesias faladas, histórias infantis...) Além disso, podem visar apenas à compreensão oral ou podem servir de ponto de partida para se trabalhar a produção (oral e escrita).

Essas atividades visam sobretudo a atender o ritmo individual de cada aluno, seus objetivos e interesses, e não precisam necessariamente ter um caráter isolado. Podem ser o início de um trabalho a ser desenvolvido em classe ou em grupo. Creio que o importante é que o aluno não se sinta sozinho nestas tarefas. Ele deve ser orientado pelo professor na maior parte do tempo. Eventualmente, poderá até mesmo fazer trabalhos em que ele mesmo se auto-avalie (exercícios de instrução programada ou trabalhos em que ele mesmo possa verificar as suas repostas) ou ainda simplesmente escutar fitas sem se envolver em nenhuma tarefa específica (como, por exemplo, ouvir músicas, programas de rádio) mas o contato laboratório-sala de aula, professor-aluno, aluno-aluno é essencial. Caso a turma seja heterogênea demais, ela poderá ser dividida em grupos respeitando-se a competência lingüística dos alunos. Se o curso for dado para estudantes universitários provenientes de várias áreas, a turma pode ser dividida em grupos que trabalharão com documentos orais científicos específicos

(se este for o objetivo dos alunos).

Acredito que seja importante destacar algumas atividades possíveis de serem desenvolvidas além dos já tradicionais exercícios estruturais. No caso de se pretender trabalhar apenas com a compreensão oral, pode-se partir, por exemplo, de uma abordagem global, propondo-se ainda:

- a) a verificação do tipo de documento: entrevista, palestra científica, etc...
- b) a caracterização de quem fala e do público a quem se destina aquele discurso;
- c) a busca de elementos típicos de uma linguagem oral.

Tais documentos podem vir acompanhados de: perguntas que facilitem a compreensão, ou de perguntas que testem a compreensão.

Tomando a gravação como ponto de partida para a produção oral e escrita, outras atividades podem ser desenvolvidas:

- a) pesquisa sobre algum aspecto de civilização que pode ainda englobar documentos escritos;
- b) discussão em sala de aula sobre um determinado assunto cuja gravação possa ser ouvida em classe e/ou ter sido ouvida no laboratório;
- c) letras de música para que o aluno escreva as palavras ou frases omitidas;
- d) comentários críticos sobre o texto ouvido, a serem redigidos em L<sub>2</sub>.

Com respeito às atividades acima propostas, uma pergunta pode ser levantada quanto ao caráter optativo ou obrigatório das mesmas. A meu ver, tais atividades devem ser obrigatórias por dois motivos. Em primeiro lugar, temos que considerar que o aluno, em geral, já vem habituado, desde o primeiro e segundo graus e, até mesmo na Universidade, a uma certa cobrança de tarefas, onde o uso sistemático do laboratório seria, agora, apenas mais uma dentre as mesmas. Em segundo lugar, a partir do momento em que o uso do laboratório passa a ser obrigatório, os alunos deixam de colocá-lo em segundo plano na sua lista de prioridades escolares. Desta forma, acho que o professor pode negociar com o grupo e, determinadas as necessidades individuais, indicar com que frequência cada aluno deva se utilizar do laboratório e de que forma.

Embora não seja muito comum a diversificação do uso do laboratório, concluindo, eu gostaria de ressaltar que esta é uma visão que já vem sendo posta em prática por outros docentes. Raymond Renard, vice-reitor do Centro Universitário de Mons, na Bélgica, defendeu este ponto de vista da diversificação, durante um encontro internacional ocorrido em Montréal, no Canadá, no ano de 1970, onde se discutiu a respeito da utilização do Laboratório no ensino de línguas. Naturalmente, as atividades sugeridas neste trabalho são apenas algumas das muitas que podem ser realizadas. O aluno procuraria o laboratório, da mesma forma que iria a uma biblioteca para fazer

uma pesquisa ou ler textos suplementares, com objetivos específicos, como, por exemplo, desenvolver sua capacidade de compreensão oral. Naturalmente, muitas atividades podem ser propostas desde que o aluno tenha uma sala adequada onde possa trabalhar, um gravador e fitas de boa qualidade, embora um laboratório mais sofisticado (com boa acústica, aparelhos modernos) sob supervisão de um técnico especializado seja o ideal. Se dispomos ainda de um vídeo-cassete, de um vídeo-disco integrados, podemos ainda mais diversificar as atividades. Trata-se, portanto, de uma proposta anti-métodos, onde o curso é montado junto com o aluno, de acordo com seus objetivos e interesses. Não pretendo esgotar aqui o assunto. O que proponho é, em outras palavras, que se dê um novo voto de confiança ao laboratório, transformando-o numa verdadeira "FONOTECA".<sup>4</sup>

---

#### NOTAS

1. Refiro-me aos primeiros métodos audio-visuais do tipo "Voix et Images de France".
2. VIGNER, Gérard. Pág. 10
3. GALISSON, Robert. Págs. 7 e 8.
4. FONOTECA - termo utilizado por Raymond Renard. Embora ele defenda o ponto de vista da diversificação, a sua maneira de abordar a língua é bem diferente da que proponho aqui, baseando-se em muitos princípios dos métodos audio-visuais. As comunicações apresentadas neste encontro foram reunidas no livro Laboratoires de langues: orientations nouvelles (cf. Bibliografia).

---

#### BIBLIOGRAFIA

- CHATAGNIER, Louis et Taggart, Gilbert. Laboratoires de langues: orientations nouvelles. Québec. Editions Aquila Limitée. 1971
- GALISSON, Robert. D'Hier à aujourd'hui: la Didactique générale des langues étrangères. Paris, CLE International, 1980.
- HUOT, Hélène (coordination). Les exercices structuraux. Etudes de Linguistique Appliquée. Paris, Didier, 1975. nº 20.
- LEON, Pierre. Laboratoire de langues et correction phonétique: essai méthodologique. Paris, Didier, 1962.
- MOGET, Marie-Thérèse. De Vive Voix - cours d'audio-visuel de français. Paris, Didier. 1972.

MOIRAND, Sophie et Besse, Henri. Audio-visuel et enseignement du français.

VIGNER, Gérard. Ecrire-éléments pour une pédagogie de la production écrite. Paris, CLE  
International, 1982.